

VISITA AO CENTRO DO PRÉMIO NOBEL DA PAZ

Paragem obrigatória em Oslo

O frio gélido, o céu cinzento e o tráfego completamente calmo, sem comparação com o ambiente agitado da capital luandina, dão-nos as boas vindas à cidade de Oslo, capital da Noruega. Um cenário completamente diferente ao que os nossos olhos estão acostumados, desde o acastanhado das folhas que denunciam o Outono e a preparação dos tempos para receber o Inverno nos próximos dias

Edna Dala

Logo nas primeiras horas da manhã é visível o movimento de pessoas de diferentes nacionalidades que rumam para os seus locais de trabalho, onde os casacões, luvas, botas e gorros dão vida ao movimento diário da cidade.

Com uma densidade populacional de 600 mil habitantes, Oslo desperta a atenção pelo seu estilo arquitectónico que nos remete para o princípio do século 18, mantendo deste modo a tradição milenar adaptada ao estilo mais modernos dos dias actuais.

Durante os cinco dias de formação dirigida a jornalistas de diferentes órgãos de comunicação social públicos e privados angolanos, em matérias de direitos humanos e liberdades de expressão e de imprensa, numa parceria entre os Governos de Angola e da Noruega, foi-nos informado pela incansável tradutora Lucília Monteiro que o estilo arquitectónico se estende por todo país: existe um regulamento que determina o *designer* arquitectónico das cidades de modo a se manter viva a história dos noruegueses.

Durante a nossa pequena *tournee* tivemos a oportunidade de constatar que Oslo não tem edifícios gigantescos típicos das grandes cidades modernas.

Centro do Nobel da Paz

Quem vai a Noruega precisa de fazer uma visita obrigatória ao Centro do Prémio Nobel da Paz, sedado na capital, Oslo, que oferece o dossier completo dos grandes líderes mundiais das causas nobres.

O museu, equipado com tecnologia de ponta, tem uma sala específica para todos os vencedores do Prémio Nobel da Paz, incluindo seus trabalhos e a história de Alfred Nobel, de modo a incentivar a reflexão e o debate sobre questões relativas à guerra, paz e resolução de conflitos.

O Centro faz parte da Fundação Nobel, criada em 1900 como uma instituição privada para administrar a propriedade de Alfred Nobel e atribuir os prémios de física, química, medicina, literatura e paz. O Prémio é concedido pelo Comité Nobel Norueguês que, por sua vez, é nomeado pelo Parlamento norueguês.

No centro vimos rostos de grandes figuras emblemáticas, desde Nelson Mandela, Dalai Lama, Indira



Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Wangari Maathai, Kofi Annan, Desmond Tutu, Ellen Johson, Leymah Gbowe, Jean Henry Dunant, Nádía Murad e Denis Mukwege enfim, homens e mulheres que deram as suas vidas por grandes causas em prol de um mundo melhor.

A visita a este monumento remete-nos para um despertar e uma reflexão profunda sobre as nossas responsabilidades sociais, o que nos leva a questionarmo-nos sobre o que temos feito pela sociedade em geral, pois são pessoas que decidiram fazer o bem pelo bem sem medir as consequências, tudo em nome de uma causa maior e nobre.

Independentes desde 1905 e colonizados pelos dinamarqueses, os noruegueses são respeitados por serem grandes defensores em questões de direitos humanos e liberdade de expressão a nível mundial.

Uma história caricata é que a Noruega é também conhecida como um dos maiores produtores dos famosos bacalhau e salmão, sendo mesmo o maior exportador. É apontado ainda como o principal produtor

de peixe seco e salgado, factor este relevante para a história e para a economia deste país nórdico com uma história milenar.

O mais engraçado é que durante os dias todos de formação, no local onde decorreu não fomos agraciados com

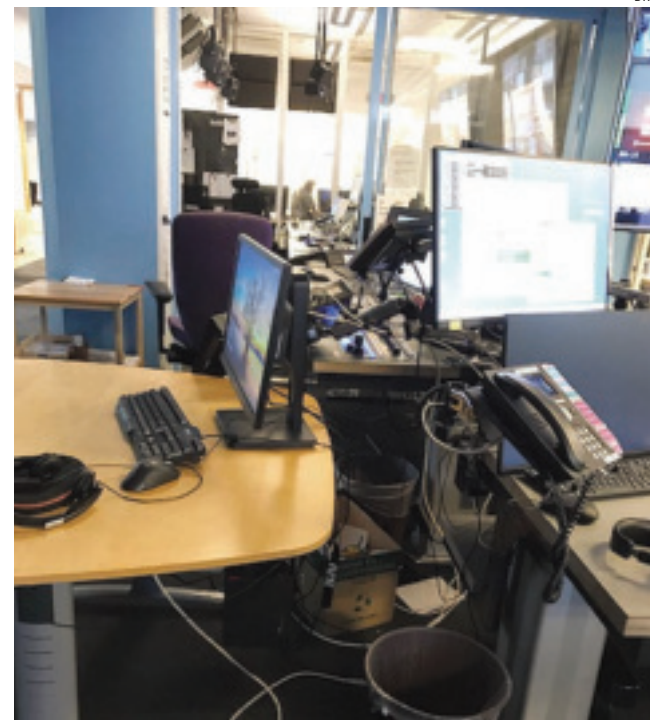
pratos confeccionados à base de bacalhau ou salmão.

Os noruegueses são apenas bons produtores, mas no que toca à culinária não são tão bons quanto aos que produzem. Ao almoço são servidos pratos frios que nada têm a ver com uma boa

refeição quente e saudável.

Tivemos a oportunidade de constatar que na hora do almoço os noruegueses em particular nem sequer dão-se ao trabalho de sair para almoçar, pelo que basta uma sandes ou outra coisa parecida e está tudo bem.

Durante a nossa estadia não tivemos o privilégio de trincar um bom prato de bacalhau ou de quaisquer refeições quentes, como a que todo angolano e não só gosta. Tivemos que improvisar a nossa cozinha e desfrutarmos de um prato quente ao jantar.



FACTOS & ILAÇÕES

Filomeno Manaças |*



A liberdade de expressão faz frente ao frio em Oslo

Por estes dias está um frio de meter respeito em Oslo, a bela capital norueguesa onde se realizam as cerimónias de entrega do Prémio Nobel da Paz. É Inverno e os agasalhos tiveram de sair dos guarda-fatos. As toucas ou gorros e as luvas para proteger a cabeça e as mãos do frio são, para a maior parte das pessoas, indispensáveis.

O dia pode começar com 2° C acompanhado de alguma chuva e vento, ir subindo para os 8-9° C e terminar nos 2-4° C com que tenha iniciado. Mas, para a delegação de sete profissionais ligados à comunicação social angolana, no qual me incluo, as abordagens sobre liberdade de expressão e liberdade de imprensa, como uma das dimensões da realização dos Direitos Humanos, têm a magia de tornar quente os dias e as noites em Oslo.

Tudo acontece no âmbito de um acordo que os Governos angolano e norueguês faz algum tempo (desde 2008) vêm materializando e que têm permitido a troca e ganho de experiências nessa matéria, em que é unânime o entendimento de que a liberdade de expressão constitui o alimento, o combustível, o motor que põe em desenvolvimento qualquer sociedade democrática.

Bastante assertivo foi, pois, o Presidente João Lourenço quando, na cerimónia de tomada de posse dos novos conselheiros de administração dos órgãos de comunicação social públicos, em Novembro do ano passado, sublinhou que “não há democracia sem liberdade de expressão, sem liberdade de imprensa”. E não se ficando por aqui, instou os órgãos a “procurar encontrar uma linha editorial que sirva de facto o interesse público, que dê voz, que dê espaço, aos cidadãos dos mais diferentes estratos sociais”, mas também que “dê espaço às organizações da chamada sociedade civil”.

Voltando à vaca fria, o Centro Norueguês para os Direitos Humanos, da Universidade de Oslo, é, por assim dizer, o laboratório onde as discussões académicas se desenrolam, com abordagens sobre a realidade na África subsahariana, os modelos de propriedade e sua influência ou não nas políticas editoriais, os novos desafios que se colocam face ao advento da Internet e das redes sociais, enfim, todo um conjunto de assuntos que marcam a actualidade em relação ao binómio liberdade de expressão/liberdade de imprensa.

Ocasião também para, entre outras tantas, interagir com Charles Onyango-Obbo. Quem é ele? Simplesmente um jornalista ugandês com vasta experiência, pertencente aos quadros do The Nation Midea Group. Contou que já esteve umas 150 vezes atrás das grades e saiu outras tantas, no Uganda, por ter de responder em tribunal sob a acusação de abuso da liberdade de imprensa. Era de se esperar dele um ferrenho opositor de Yoweri Museveni. Mas... terça-feira Charles Onyango-Obbo esteve no Conselho Norueguês para África para falar sobre o tema “O efeito de Bobi Wine: o que está a acontecer no Uganda”. Bob Wine é o músico ugandês que se tornou político, ganhou um lugar no parlamento e tem sido crítico das políticas do Presidente Yoweri Museveni. Aliando a música à política e arrastando milhares de apoiantes, entre os quais muitos jovens desempregados, Bobi Wine é actualmente o ícone da oposição ao ancião Presidente, há 32 anos no poder e com a imagem desgastada pelos erros e pelo tempo que está na liderança do país.

Curtido pelas sucessivas prisões a que foi submetido, Charles Onyango-Obbo denota uma calma pouco habitual e sobretudo uma atitude

mais reflexiva do que emotiva em relação aos problemas que o Uganda vive. E avança mesmo que, embora reconheça o apoio significativo de que Bobi Wine goza por parte de uma parte da população, ainda assim não o considera à altura de tocar para frente os destinos do país, tendo em conta as alianças internas e externas que Yoweri Museveni construiu, e também não acha que o actual Presidente venha a colocar no poder o seu filho, tanto quanto acredita que ele não tenha preparado alguém para o substituir.

E foi o facto de não considerar Bobi Wine à altura dos desafios de ser Presidente que gerou, na sala onde decorria a pequena conferência, alguns ânimos exaltados por parte de jovens ugandeses apoiantes do músico, presentes na sala para acompanhar o evento.

Bobi Wine é actualmente o ícone da oposição ao ancião Presidente, há 32 anos no poder e com a imagem desgastada pelos erros e pelo tempo que está na liderança do país

Consideraram eles que, só pelo facto de ter estado 150 vezes detido/preso, Charles Onyango-Obbo devia estar do lado de Bobi Wine. Mas o jornalista afirma que não tem rancor, que não quer perder a sua independência, que prefere continuar a desempenhar o seu papel e escrever de forma distanciada sobre os acontecimentos, de modo a poder criticar as condutas incorrectas de quem quer que seja, sempre que for necessário, e falar bem do que for feito bem, sempre que isso ocorrer.

Onyango-Obbo defende que as mudanças, no Uganda, devem ocorrer com sentido de Estado e não quer hipotecar a sua liberdade de expressão. Pelo que vi, quero pessoalmente acreditar que muitos dos fervorosos e jovens apoiantes de Bobi Wine não são capazes de entender essa posição.

E esta é uma forte razão para lembrar porque razão o Prémio Nobel da Paz é sempre entregue em Oslo. De acordo com a vontade do seu fundador (Alfred Nobel), o prémio deve distinguir “a pessoa que tenha feito a maior ou melhor acção pela fraternidade entre as nações, pela abolição e redução dos esforços de guerra e pela manutenção e promoção de tratados de paz”.

Esse espírito levou a que o Comité Nobel Norueguês atribuisse o prémio, este ano, ao médico congolês democrata Denis Mukwege (de 63 anos) e à activista iraquiana Nadia Murad (25 anos). Ao primeiro por ter, com a sua equipa, tratado de cerca de 30 mil vítimas de violência sexual na República Democrática do Congo. À segunda, por ser uma sobrevivente da escravidão sexual imposta pelo Estado Islâmico no Iraque. Nadia Murad tornou-se uma activista pelos Direitos Humanos da minoria yazidi e contra a utilização das mulheres e as violações sexuais como arma de guerra.

E é também sobre a guerra e suas consequências que fecho esta prosa, para dizer que, segundo dá conta uma notícia da Deutsche Welle de 18.10, a Noruega pediu oficialmente desculpas pelo tratamento dado a mulheres norueguesas que sofreram represálias devido ao facto de terem mantido relações íntimas com soldados alemães durante a ocupação do país na Segunda Guerra Mundial. Segundo estimativas do Centro de Estudos do Holocausto e das Minorias da Noruega, calcula-se que entre 30 mil e 50 mil norueguesas terão sofrido detenções e prisões ilegais, demissões e até mesmo a expulsão do país e a supressão da nacionalidade norueguesa.

Todavia, segundo a mesma fonte, nenhum dos cerca de 28 homens noruegueses casados com mulheres alemãs, durante a Segunda Guerra Mundial, foram expulsos ou tiveram as suas nacionalidades cassadas.

* **Director Nacional de Publicidade. A sua opinião não engaja o Ministério da Comunicação Social**



CITAÇÕES

“Neste pouco mais de 12 meses, em conformidade com os compromissos assumidos pelo Presidente João Lourenço, aquando da sua tomada de posse, assistimos a decisões no sentido da efectividade, eficiência e transparência que poderão ter um efeito substancial, se forem acompanhadas de reforma do Estado”

Paolo Balladelli
Representante residente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

“Achamos que seria importante renegociar a dívida (de Angola) e aumentar o prazo de pagamento dos juros de mora, por forma a dedicar mais recursos a investimentos nacionais”

Idem

“Se um produto for certificado, terá a marca da certificadora aplicada, aumentando a confiança do consumidor. Esta pode ser um selo e é a forma mais segura de saber se o produto está em conformidade com uma norma”

António Ribeiro
Director Geral do Instituto de Normalização e Qualidade

“Do meu ponto de vista, foi um trabalho muito mau. Reprovamos completamente. Apesar de muito recentemente ter estado no campeonato do mundo, foi bastante tendencioso e não foi digno da sua categoria”

Jorge Mário Fernandes

APresidente do Conselho Central de Árbitros de Futebol de Angola referindo-se à arbitragem do juiz zambiano Janny Sikazwe, no jogo entre o Esperance de Túnis e o 1° de Agosto

EPÍSTOLAS DO OCIDENTE

Sousa Jamba



Construir ou reconstruir

Um dos meus livros favoritos é intitulado a “Tiranias das Palavras.” Publicado em 1936 pela Stuart Chase, o cerne do argumento desta obra é que às vezes ficamos tão encurralados nas palavras que perdemos a noção da realidade.

Angola está a reconstruir ou a ser construída? Quando se dá muito ênfase no termo “reconstrução” passamos cada vez mais a gastar tempo com o retrovisor da história, imaginando um passado, e facilmente caímos numa mitologia. Nova Lisboa, o Huambo do tempo colonial, foi uma grande cidade com várias salas de cinema, com salões de concertos em que figuravam artistas internacionais etc. Porém, nós os negros, não fazíamos parte de todo o esplendor desta localidade. Nós vivíamos nos bairros do Bom Pastor, Cacilhas, Bomba Alta, etc, em casas de adobe, usando água da cacimba, fogareiros a carvão e candeeiros a petróleo. O que devemos é construir um futuro em que todos os Angolanos possam viver com uma certa dignidade.

Há jovens no Huambo hoje que não fazem a mínima noção do tempo colonial ou mesmo da guerra. Esses jovens querem e devem criar: o Estado deve criar um clima em que a sua criatividade possa brilhar. Mas eles devem ser norteados por valores baseados numa ética profunda.

A guerra teve um efeito profundamente negativo no nosso país. Angolanos como nós da diáspora têm que ter aquela capacidade de empatia para podermos apreciar a grande tragédia que ocorreu por cá. Felizmente, já estamos a lidar com jovens, como já disse, que não conheceram a guerra – isto é, de alguma forma, uma mais valia; estes jovens não vão estar a reconstruir um passado que não viveram; a estes jovens deve é ser dada a oportunidade para criar e construir.

Recentemente, estive na vila das Boas Águas, perto do Huambo. Esta localidade, que está ao longo do caminho de ferro, tinha a fama no tempo colonial de produzir muitas maçãs. Quando cheguei lá havia apenas uma loja, cheia de vinho português. Os habitantes da vila viviam em casas pequenas que tinham sido construídas numa iniciativa que, no papel, fazia muito sentido, mas na prática estava a provar ser um grande desastre. As casas, aparentemente, iriam resolver o problema da habitação social, etc. Pessoas que viviam em aldeias (encontrei até parentes meus) vieram para essas pequenas casas. Algumas dessas casas já tinham adições de adobe que iriam servir como currais para animais ou mesmo quartos adicionais para membros da família. Porque razão é que não se pensou em ter equipas técnicas que pudessem projectar casas usando materiais locais mas que elevassem a qualidade de vida dos cidadãos?

Estive recentemente no Huambo a conhecer a periferia da cidade com um jovem arquitecto. Ele foi formado no Huambo. Ele disse-me que no passado tinha tido uma proposta para projectar uma loja numa aldeia que iria usar materiais locais. Infelizmente, o projecto nunca chegou a ser realizado. Há, em Angola, muito talento que deve ser explorado avidamente. Nos bairros da periferia no Huambo há muitas jóias arquitectónicas – casas que dão gosto de ver. Fala-se muito da arquitectura colonial no Huambo que é muito arrojada, o que é verdade. Isto surgiu em parte porque os jovens arquitectos vindos da metrópole sentiam uma certa liberdade em inventar. Porque é que os nossos jovens não podem continuar a inventar? Porque razão um edifício no Huambo do pós guerra – a Biblioteca Municipal – é produto de um arquitecto português?

Há, no Huambo, um edifício na Sanjuca – casa feita na forma de foguetões amarelos – que suscita muita emoção; muitas pessoas não podem com aquela criação. Eu discordo. Não sei quem foi o arquitecto por trás da obra – porém, noto alguém com paixão, é uma visão vibrante. Paramos diante daquele edifício e conseguimos dialogar com uma outra Angola; devemos mesmo dialogar com várias outras Angolas. É isto que dará ao país uma qualidade singular e de valor.

Nas minhas andanças pelo Planalto, visitei três mercados municipais – do Bailundo, Kachiungo e Chinguar. No Bailundo, os produtos estavam a ser vendidos em condições que deveriam preocupar todos: carne coberta de moscas a ser vendida perto de poços em que várias coisas estavam a apodrecer; crianças cobertas de lama ou poeira a brincar por todo o lado. Claro que em todos mercados que visitei não havia nenhuma medida para garantir o mínimo de higiene. As casas de banho eram rudimentares e não havia nem água ou sabão. Depois de uma epidemia, suspeito, haverá pânico. Interroguei-me porque razão, por exemplo, é que a administração local não promovia um concurso em que vários jovens arquitectos pudessem projectar mercados municipais dignos e sustentáveis usando material local?

Se superarmos a noção de que estamos a construir e não reconstruir então vamos ser forçados a ter um diálogo sério sobre a planificação das cidades, vilas, e mesmo das aldeias. Estou a escrever isto cá no Chiumbo, perto de Manico, aldeia fundada pelos meus avós – Njamba e Manico. Ali há formas de cultivar que não mudaram por séculos. Outro dia vi famílias com enxadas a trabalhar o solo – tarefa que podia ser facilitada se houvesse pequenos tractores a mão usados na Índia e China, e que devem custar o mesmo preço que um gerador. Cá está uma grande oportunidade de um empresário montar uma fábrica para providenciar pequenas máquinas que seriam acessíveis a muita gente. Aqui ainda não é preciso aqueles projectos agrícolas gigantescos, apoiados com milhões do Estado, mas que resultam em muita sucata e dívidas gigantescas.

TÍTULOS Bureau Político do MPLA analisa situação social dos antigos combatentes



JORNALISTAS ANGOLANOS TERMINAM FORMAÇÃO SOBRE DIREITOS HUMANOS NA NORUEGA

Por: Isabel Dala | Outubro 30, 2018

Partilhe isto:



A formação aconteceu no âmbito do projeto "Educação para os Direitos Humanos em Angola 2017-2020", criado pelos Governos de Angola e da Noruega.

Texto: Brenda Samba, enviada a Oslo, Noruega

Jornalistas angolanos de diferentes órgãos de comunicação do país, terminaram na sexta-feira o segundo ciclo de formação em matéria de Direitos Humanos, que decorreu durante cinco dias na cidade de Oslo, Noruega.

O segundo ciclo de formação tem como objectivo aumentar e melhorar o grau de compreensão sobre os diversos instrumentos jurídicos internacionais e regionais de Direitos Humanos, e capacitar os jornalistas sobre os direitos Humanos. Segundo o director do gabinete de Comunicação do Ministério da Justiça e Direitos Humanos, António Cruz, a formação correspondeu às expectativas.

O responsável destaca que a formação visa assegurar uma estratégia de direitos humanos em todo o país. Por sua vez, o director Nacional de Publicidade do Ministério da Comunicação Social, Jorge Filomeno Menaças, acrescentou que o curso de diploma de formação dos media foi de grande relevância, por tratar de temas pertinentes, entre os quais a liberdade de expressão e a sua realização no âmbito da liberdade de imprensa. Sublinhou que a formação foi bastante interessante por juntar especialistas de diversas áreas, dos recursos humanos, do direito, da antropologia, entre outros.

"Foi uma formação interessante e abrangente, atendendo o actual paradigma que Angola vive", disse. Referiu ainda que a actividade dos jornalistas requer a formação contínua, para que o jornalista esteja munido ou dotado de vários conhecimentos.

Durante uma semana de formação, foram tratadas questões relacionadas com os desafios-chave do sector norueguês da media, bem como questões de relevância, com principal ênfase para a liberdade de expressão e acesso à informação, difamação e calúnia, segurança cibernética, entre outros.

O curso foi projectado para ampliar as perspectivas dos participantes e aprimorar as suas oportunidades de integrar quer os princípios chave, quer as abordagens.

A delegação angolana fez também visitas a diferentes instituições norueguesas, nomeadamente ao Ministério das Relações Exteriores da Noruega, onde foram recebidos e informados sobre o seu funcionamento, assim como a Fundação da Liberdade de Expressão, a Comissão de Reclamações da Imprensa Norueguesa, entre outros aspectos, ficando a saber quais são os principais desafios actuais, assim como o Sindicato Norueguês de Jornalistas, com uma abordagem geral da visão actual dos media, seu funcionamento, compromissos internacionais e, também, os maiores desafios actuais.

Visitaram também o Centro do Prémio Nobel da Paz, um museu com formato digital onde estão expostos diferentes rostos dos vencedores do Prémio Nobel, assim como uma visita à estação pública de radiodifusão da Noruega, denominada NRK. Por outro lado, foi realizada uma palestra na qual o jornalista ugandês Charles Oryongo abordou os modelos de propriedade político-partidária e prioridades na África subsaariana, onde a delegação angolana fez uma breve síntese do estado actual da comunicação social em Angola.

Para o jornalista da Rádio Escola José Caculo, a formação serviu não só para conhecer a realidade da media Norueguesa em termos de liberdade de imprensa e de expressão, mas também para melhorar a abordagem em matéria de direitos humanos e não só. Além de jornalistas, participaram na formação representantes do Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos e também do Ministério da Comunicação Social de Angola.

Noruega reafirma compromisso em expender o curso O director do curso de formação sobre media, Joaquim Nahem, destacou que o objectivo do projecto é, sobretudo, aumentar em Angola o nível de cultura relacionado com os direitos humanos.

Sendo assim, além dos jornalistas, o curso vai envolver quer o Governo, sociedade civil, instituições de ensino, entre outros. A formação será realizada anualmente em dois ciclos, por forma a envolver todos os actores da sociedade angolana. Para tal, o responsável avançou a, OPAÍS que dentro em breve visitará Angola, onde já pensa em visitar a província da Huíla. "O objectivo é formar o maior número possível de jovens angolanos e alargar o projecto para outras províncias, além de Luanda", explicou.



Governante defende introdução da cadeira de direitos humanos no ensino
Abril 27, 2018
Em "Política"



"Noruega beneficiou muito do petróleo de Angola"
Novembro 1, 2018
Em "Política"



Ana Celeste Januário aponta progressos em matéria de direitos humanos
Setembro 13, 2018
Em "Política"

ÚLTIMAS NOTÍCIAS



Estudante leva crânio humano à escola no Cazenga



Angola com quebras na comercialização de petróleo no terceiro trimestre



Militares empitam no ataque com polícia

TV PAÍS 60S

No slides found, please add some slides



O país em 60 Segundos

A crescer com você

10 anos **RÁDIO MAIS**

99.1 FM

A rádio da nova Angola

maxiprom

Newsletter

O seu endereço de email

Inscrição em

■ PROVÍNCIA GANHA VÁRIOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Várias infra-estruturas sociais vão ser inauguradas este mês na cidade de Ondjiva

Cunene acolhe cerimónia central do 11 de Novembro

Comemorações do 43º aniversário da Independência Nacional arrancaram na quinta-feira com várias actividades

Domingos Calucipa / Ondjiva
e Luísa Victoriano / Malanje

A província do Cunene acolhe o acto central das come-

ainda outras actividades como torneios de diferentes modalidades desportivas, palestras sobre a história da Independência Nacional, concursos de desenho e de

“Governo continua a desenvolver políticas visando a melhoria da qualidade de vida dos angolanos, como a assistência na saúde, educação e formação profissional, habi-

■ COM APOIO DA NORUEGA

Formação sobre direitos humanos em Dezembro

Edna Dala

O Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos realiza, a partir do próximo mês, nas províncias da Huíla e Luanda, o segundo ciclo de formação sobre direitos humanos e liberdade de expressão em Angola, em cooperação com a Embaixada da Noruega.

A formação, que acontece depois do encerramento, na semana passada, do primeiro curso sobre a media, que decorreu em Oslo (Noruega), vai reunir jornalistas, académicos, representantes da sociedade civil e quadros do Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos.

De acordo com o diretor do *The Governance Group*, agência responsável pelo curso, um dos objectivos do programa é mudar a cultura dos direitos humanos em Angola e envolver todos os actores da sociedade no processo, nomeadamente agentes sociais e governamentais.

Joachim Nahem lembrou que Angola está comprometida com os tratados internacionais dos direitos humanos e estes exercícios são uma forma de aplicar os instrumentos que o país ratificou.

Um dos objectivos da formação, disse, assenta no fortalecimento das várias instituições governamentais e da sociedade civil em Angola, com a cultura dos direitos humanos.

O programa, com a duração de quatro anos, permite a deslocação de membros da sociedade civil e de funcionários de vários departamentos ministeriais para

fortalecer o conhecimento e a capacidade técnica na área dos direitos humanos.

A parte mais interessante deste programa, acrescentou, é a combinação entre a teoria e a prática dos direitos humanos. O responsável explicou que a formação que acontece nas duas províncias é uma das componentes do curso para fortalecer a cultura dos direitos humanos no país.

Como parte da cooperação bilateral entre Angola e a Noruega, disse, a Embaixada norueguesa em Luanda financia o projecto de educação para os direitos humanos em Angola, que está no seu segundo ciclo (2017-2021).

Durante o primeiro ciclo de formação, dirigido a jornalistas angolanos de órgãos públicos e privados e quadros dos ministérios da Comunicação Social e da Justiça e dos Direitos Humanos, foram abordados temas como a liberdade de expressão e de opinião, sua regulação e realidades.

Na formação, que durou cinco dias, a delegação angolana participou de uma palestra que teve como prelector o jornalista ugandês Charles Onyango-Obbo, que falou sobre os modelos de propriedade, políticas editoriais e prioridades na África Subsaariana.

O jornalista falou também sobre liberdade de expressão e os novos desafios do sector no continente. A delegação visitou a estação norueguesa de radiodifusão e foi informada sobre o seu funcionamento e o serviço público.

■ CARLOS MASSECA

MARIA AUGUSTA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Vice-governador do Moxico

Melhoria das condições sociais consolida a democracia

A consolidação da democracia passa, sobretudo, pela melhoria das condições sociais e garantia de oportunidades para todos os cidadãos, afirmou ontem, na cidade do Luena, o vice-governador do Moxico para o sector Político e Social.

Carlos Masseca, que disertava numa palestra sobre “a consolidação do processo democrático”, que juntou estudantes e efectivos do Ministério do Interior e das Forças Armadas Angolanas (FAA), disse que Angola se encontra num processo de consolidação da unidade nacional e da construção de um país de sonho para todos.

O vice-governador disse que os avanços registados ao longo dos 43 anos de independência servem para mostrar a capacidade dos angolanos na construção de um país rumo ao progresso. A palestra enquadrou-se nas comemorações do dia da independência nacional.

Daniel Benjamim / Luena